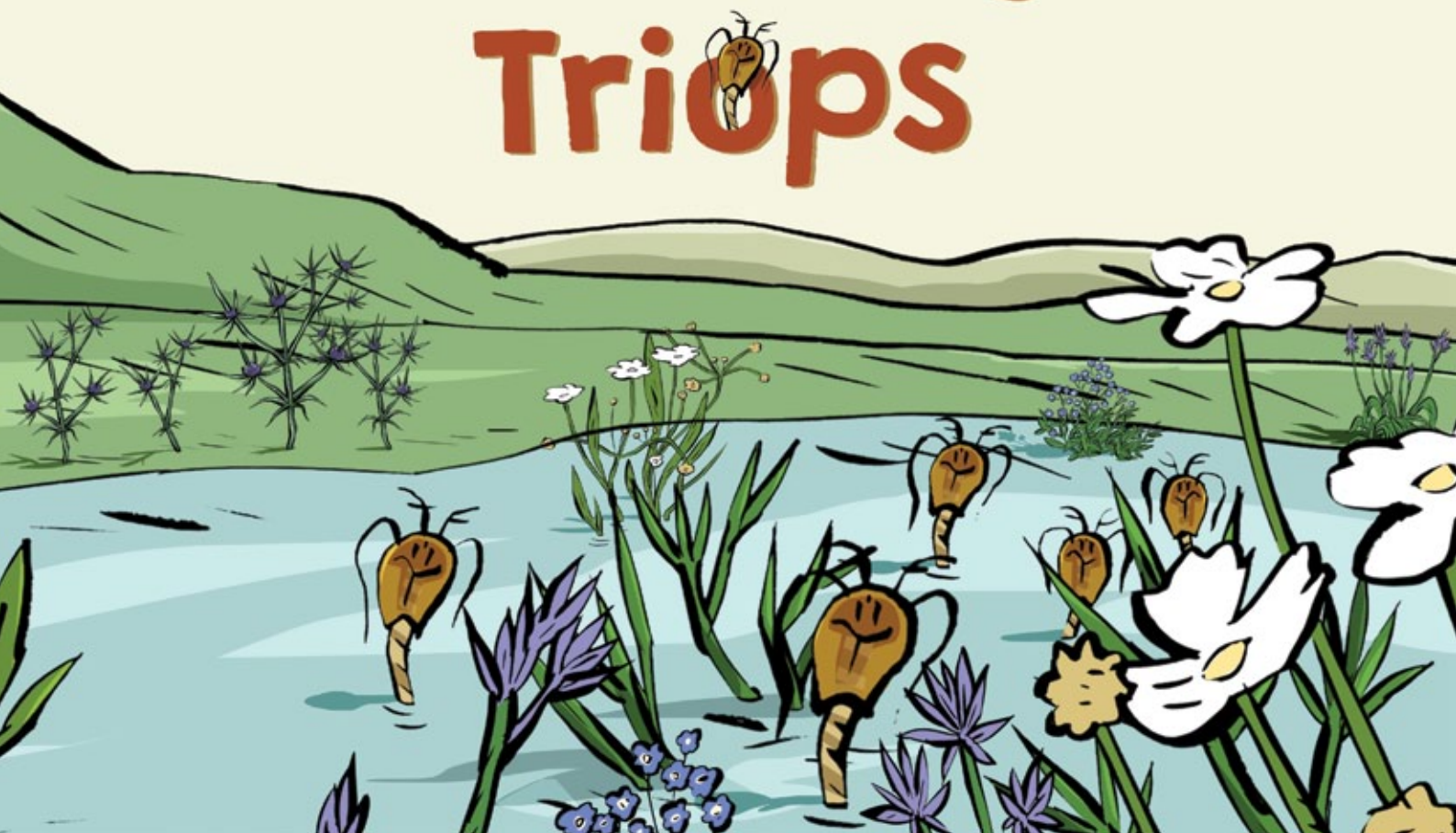


Vanda Brótas Gonçalves

Ilustrações de Rui Sousa

Os Meus Amigos Triops



Este conto ilustrado foi elaborado no âmbito do Projeto LIFE Charcos – Conservação de Charcos Temporários na Costa Sudoeste de Portugal, que tem como principal objetivo a conservação de um habitat ameaçado, os Charcos Temporários Mediterrânicos (habitat prioritário com o código 3170 da Diretiva Habitats) no Sítio de Importância Comunitária da Costa Sudoeste e contribuir para a gestão da Rede Natura 2000.

NOTA PARA OS EDUCADORES

O presente conto visa o enriquecimento da exploração pedagógica de conteúdos relacionados com a conservação dos charcos temporários, o habitat dos Triops. Neste contexto, este livro pode ser utilizado por pais e educadores como forma de sensibilização e de transmissão de conhecimentos. A dramatização e/ou ilustração pelos mais novos é desejável e recomendada por facilitar a consolidação dos conhecimento adquiridos.

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO
Universidade de Évora, 2016

TÍTULO
Os Meus Amigos Triops

TEXTO
Vanda Brotas Gonçalves

ILUSTRAÇÕES
Rui Sousa

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO
Rita Alcazar e Artur Lagartinho

CONCEÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO
Hortelã Magenta

IMPRESSÃO
A3 artes gráficas, lda. Impresso em papel Cyclus Print, 100% reciclado com certificação FSC.

DEPÓSITO LEGAL
422067/17

ISBN
978-989-8550-38-5

FINANCIAMENTO
A presente edição foi cofinanciada a 75% pelo Programa LIFE da União Europeia (LIFE12 NAT/PT/000997).



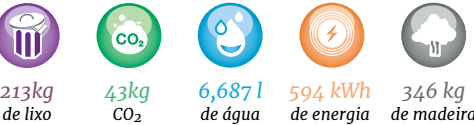
Todos os direitos reservados.

Vanda Brotas Gonçalves
Ilustrações de Rui Sousa

Os Meus Amigos Triops

www.lifecharcos.lpn.pt

O uso de papel 100% reciclado em vez de papel não-reciclado para a produção desta edição, reduziu o impacto ambiental em:



Jorgito resolvera calçar as botas de borracha, embora a mãe lhe tivesse dito que não valia a pena, não iria chover. Mas Jorgito adorava as suas botas de borracha, prenda de Natal do avô Jorge. Sempre que não saía atrasado, escolhia o caminho mais longo para a escola, e ia **saltando pelas várias poças e charcos**, com grande estardalhaço de pingos de lama, que o salpicavam até às orelhas.

Corria o **mês de abril**, em breve as poças e charcos desapareceriam, por isso Jorgito resolveu ir pisar o charco que ficava um pouco desviado, no **planalto das Raposeiras**.



Assim que viu o charco, tomou balanço e, zás, saltou com os dois pés juntos, bem dois metros para dentro da água quieta do charco.

— **Ai que me pisaste!** — Ouviu uma voz a queixar-se.

Jorgito, surpreendido olhou para todos os lados, não viu ninguém. Deu um passo para trás.

— **Ai que me voltaste a pisar** — a mesma voz, e ninguém à vista.

Jorgito olhou para cima, olhou à sua volta para todos os lados, nada nem ninguém....

— Mas que grande tótó, para que estás tu a olhar para os lados, se eu te digo que me pisaste! É claro que tenho de estar debaixo dos teus pés!

Jorgito olhou então para as suas botas e, logo à frente do seu pé esquerdo, três olhos o fixavam.

Três olhos?!?



Jorgito esfregou os seus dois olhos, para verificar que não estava a sonhar. Sim, o animal que o fixava tinha três olhos, dispostos numa carapaça em forma de armadura, de onde saía um tronco com muitos pares de patas.

— Sou o **Triops Vicente**, prazer em conhecê-lo – e o estranho bicho, de cerca de 14 cm, fez uma elaborada vénia, para depois acrescentar – então, onde estão as tuas boas maneiras, não te apresentas?

— Sou o Jorgito, — respondeu ele, ainda sem perceber se devia acreditar no que lhe estava a acontecer.

— É natural que estejas espantado, — continuou o Triops Vicente, com voz grave e pausada, — muitas pessoas não sabem que nós existimos, dado que vivemos escondidos nas águas turvas dos charcos. A nossa família pertence aos Crustáceos Branquiópodes, com muita honra, somos também conhecidos como camarões-girinos. E, muito importante, fica sabendo que nós existimos há muito mais tempo do que a espécie humana; nós, os Triops, já existíamos no tempo dos dinossauros.

— Mas existem outros como tu? Perguntou Jorgito.

— Claro que sim! Tu não tens família e amigos? Pois eu também tenho. — Respondeu o Triops Vicente — já vais ver.

E começaram a aparecer outros como ele, todos com três olhos. Fizeram uma vénia, e depois embrenharam-se numa espécie de dança, rodopiando dois a dois, presos nas respetivas caudas. Eram de vários tamanhos, desde uns muito pequeninos, com menos de 1cm, até aos que eram quase do tamanho do Triops Vicente.

— E como vês, apesar de termos **50 pares de patas**, não nos pisamos!

— Mas onde é que vocês estavam no Verão passado? — Perguntou o Jorgito, — passei por aqui muitas vezes e nem sequer havia água no charco.

— Ora finalmente uma pergunta inteligente! — Respondeu o Triops Vicente — vou ensinar-te coisas importantes que tu não sabes.

Ensinar?! A palavra ensinar fez lembrar-lhe a escola, e Jorgito exclamou muito aflito: — **Ai que vou chegar atrasado à escola!**

Combinaram que se voltariam a encontrar na manhã seguinte, não sem antes o Triops lhe pedir para guardar segredo.

Na manhã seguinte, Jorgito saiu muito cedo para a escola, de modo a ter tempo para conversar com os seus novos amigos do Charco das Raposeiras. No caminho, encontrou Madalena, a menina nova na escola, que ainda não tinha amigos.

— Olá, — disse ele, — vais para a escola? Mas porque é que vais por este caminho? Não há casas nem ruas por aqui...

Madalena não respondeu, continuou a andar, muito direita. Jorgito insistiu.

— Há coisas que não se devem dizer — explicou ela por fim.

— Eu também tenho um **segredo** — confessou Jorgito.

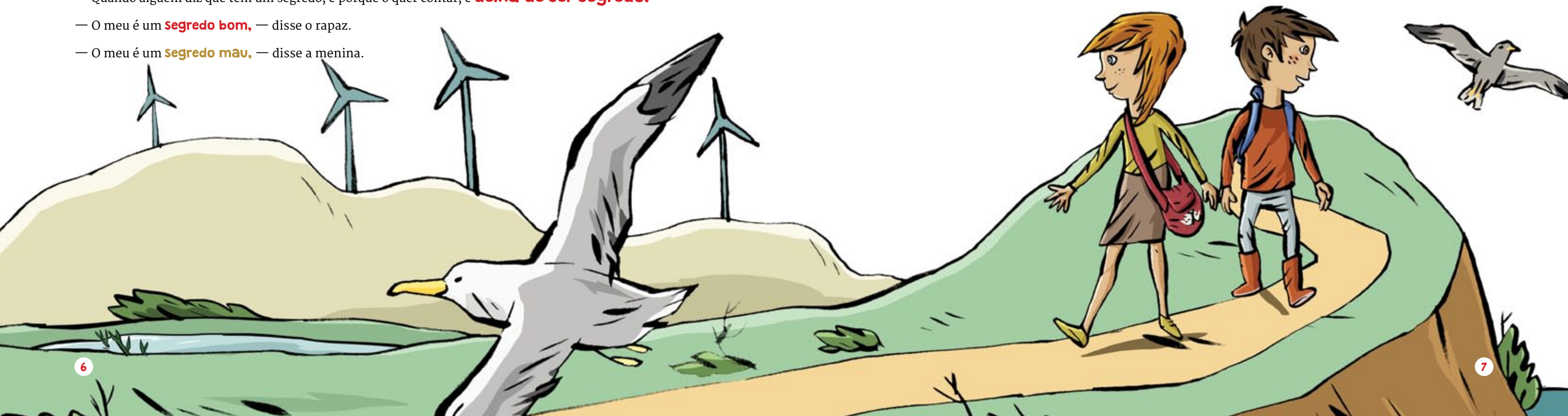
— Quando alguém diz que tem um segredo, é porque o quer contar, e **deixa de ser segredo.**

— O meu é um **segredo bom**, — disse o rapaz.

— O meu é um **segredo mau**, — disse a menina.

E caminharam em silêncio o resto do caminho até à escola. E caminharam em silêncio também nos dias seguintes, Jorgito pensando no seu segredo com o Triops Vicente e tentando perceber qual seria o **segredo de Madalena**, que tinha cabelos lisos compridos, vestia uma saia com dois folhinhos, que ondulavam com o seu andar, e usava a tiracolo uma malinha em forma de focinho de gato.

Passavam pelo planalto das Raposeiras, onde estava o charco, e de onde se via o mar de um lado e os moinhos eólicos do outro. Quando estava sozinho, Jorgito ensaiava lutas contra os moinhos eólicos (que imaginava como **inimigos extraterrestres**).



Uma manhã encontrou-a muito assustada, muito quieta, de cócoras atrás dos arbustos no início do caminho de areia.



— Podes ver se ainda está ali na estrada uma mulher com uma vassoura, — pediu-lhe ela.

Não estava. Jorgito prometeu que a protegia. Teve de prometer dez vezes, para a convencer a retomar o caminho da escola.

— O meu segredo é que tenho medo das mulheres com vassouras, porque uma delas pode ser uma **bruxa má** que me vai varrer os pés, o que é um **feitiço** muito forte, que nunca vai deixar que me case quando for crescida, — disse ela, muito depressa, e depois acrescentou: — O teu segredo está dentro do charco.

— Como é que sabes?

— Porque cada manhã te aproximavas mais do charco e olhavas para a superfície da água de um modo **muito especial**.

— Mas como é que sabes isso? — Perguntou o rapaz, desconfiado e admirado.

— Porque eu sei ver as mensagens escondidas, sei ver o que é que as pessoas pensam e não querem dizer, — declarou Madalena.

Então Jorgito (sem saber se deveria acreditar na história da **bruxa da vassoura**, sem saber e deveria acreditar no que ela tinha acabado de dizer) resolveu levar Madalena até ao Charco das Raposeiras.



Chegaram à beira do charco, Jorgito avançou com as suas botas de borracha, chamando pelo seu amigo Triops Vicente. **Silêncio, não aconteceu nada.** A superfície do charco, **muito calma,** parecia um espelho, de onde emergiam talos de plantas com folhas carnudas, que pareciam flutuar.



— Nada, só ervas... — Jorgito estava muito desapontado por não aparecerem os Triops e por ficar mal diante de Madalena.

— Não são ervas, — disse Madalena, — são cardos. Estas folhas são folhas que flutuam, mas pertencem a uma espécie que se chama **cardo-das-lagoas.** E também podes ver ali um feto com um nome engraçado, Isoetes, que tem folhas compridas e fininhas.

— Sabes os nomes das plantas? — Perguntou o rapaz.

Madalena não teve tempo de responder, porque apareceu o **Triops Vicente,** com vários membros da sua família, que discutiam com veemência.

Triops Vicente esclareceu que o pomo da discórdia era como deveriam distribuir os seus cistos, se deveriam estar concentrados no centro, ou espalhados por todo o charco.



— Os quê?? — Perguntaram Madalena e Jorgito. E ficaram muito atentos a tudo o que Triops Vicente lhes explicou.

— Nós somos um grupo de animais que se tem mantido quase sem mudar desde o tempo dos **Dinossauros**. Tinhas perguntado onde estávamos no Verão passado? Pois bem, não estávamos. Nós somos muito rápidos, nascemos, crescemos muito depressa, primeiro alimentamo-nos de algas e pequenas plantas, e depois começamos a comer larvas de crustáceos, de insetos e de anfíbios, reproduzimo-nos pondo muitos ovos, e depois morremos, tudo isto num período entre 2 a 5 meses.

— Que pena... — a voz de Madalena era triste.

— Não fiques com pena, rapariga! Nesse período vivemos, divertimo-nos muito e acontecem-nos muitas coisas. Os nossos ovos têm uma parede muito grossa, designam-se por **cistos**. E, no Verão, quando a água do charco seca completamente, os cistos ficam quietinhos, misturados com os grãos de terra, escondidos no meio das plantas. Assim que começa a chover e o charco reaparece, hop, lá aparece a nova geração de Triops, nadando, comendo e brincando.

— Então **os vossos filhos ficam escondidos dentro dos cistos**, à espera das primeiras chuvas? — Perguntou Madalena, fascinada com o que aprendera.

— Escondidos? Sim, podemos dizer que sim...

— E não preferiam viver num lago de **água transparente e limpa**, onde pudessem viver mais tempo?

— Água transparente? Parecias tão esperta e fazes uma pergunta dessas...Seríamos todos comidos pelas garças e cegonhas! Assim estamos razoavelmente protegidos, e esta água não é suja, tem é partículas de terra muito fininhas dissolvidas na água. Além disso, — continuou Triops Vicente, — se vivêssemos num lago a sério, num lago que não secasse, teríamos desaparecido há muitos milhões de anos. Nos lagos há peixes, e os peixes gostam de comer Triops à sobremesa. Já nos teriam comido a todos! Nos charcos temporários, como secam no Verão, não há peixes, é uma grande vantagem!

Eram horas de ir para a escola, Jorgito e Madalena partiram a correr, enquanto os Triops em coro lhes gritavam: segredo!

No dia seguinte, conheceram o **Sapo de Unha Negra**, e os outros anfíbios, que aproveitavam a água do charco para terem os seus filhos, que assim ficavam protegidos dos predadores.

— Tenho a grande honra de vos apresentar o **Sapo de Unha Negra**, — declarou Triops Vicente, fazendo uma vénia. — Sua Excelência raramente se deixa ver, vive enterrado em galerias debaixo da terra, mas passa os Invernos no charco, para se reproduzir e criar os seus filhos, os girinos.

O Sapo de Unha Negra grunhiu um cumprimento vago, e num movimento rapidíssimo estendeu a língua para apanhar um inseto distraído; a seguir foi-se embora, com vagar.

— Não gosto nada de anfíbios, — confessou Madalena, quando ele se foi embora, — são viscosos, fazem-me impressão.

— Pois minha menina, fique sabendo que se não fossem os anfíbios, a menina seria comida viva pelos mosquitos! Os anfíbios, com a nossa pequena ajuda (Triops Vicente tossicou, fingindo modéstia) comem as larvas de mosquitos e outros insetos e impedem que estes sejam uma praga. E tenho pena que vocês não venham um dia ao fim da tarde, poderiam ver os nossos amigos os morcegos, que vêm ao charco beber água, comer insetos, e contar-nos as novidades.

Sua Excelência o Sapo Unha Negra





Enquanto voltavam para casa, pisando a terra seca do caminho, sentindo o cheiro a verão das estevas de flores brancas, Jorgito e Madalena conversavam sobre como era bom que os **Triops, os Anfíbios e os Morcegos** gostassem de comer insetos, deixando para eles as coisas boas, como batatas fritas, esparguete à bolonhesa ou gelado de chocolate.





Nesse dia, ao jantar, Jorgito ouviu o pai dizer que a construção da estrada nova era uma boa notícia para a terra, **iria dar emprego, trazer turistas, valorizar os terrenos**. Com a continuação da conversa, percebeu que a estrada iria passar no planalto onde se situava o charco dos Triops. Muito preocupado, foi contar a Madalena, que também tinha assistido à chegada do Engenheiro e da sua equipa à pensão da aldeia.

Discutiram os dois o que fazer.

Não poderiam deixar que a estrada cobrisse o charco de **alcatrão**, mas não conseguiriam protegê-lo sozinhos. Revelar o seu segredo aos amigos da escola parecia ser a única opção.



As máquinas das obras já estavam à entrada da aldeia, prontas para começar a fazer a estrada. No entanto, a obra não começava. Aconteciam sempre coisas estranhas. **No primeiro dia**, o tacho do arroz de polvo encomendado para o almoço da equipa das obras tinha uma pedra lá dentro. **No segundo e terceiro dia**, a internet não funcionava mais do que cinco minutos seguidos, mãos misteriosas desligavam o router, escondiam os cabos, desligavam os fusíveis....Sem internet, não conseguiam enviar emails. Ora, como se sabe, os adultos, sem enviar emails, não conseguem iniciar o trabalho. **No quarto dia**, tinham desaparecido todos os sacos de café dos três cafés da aldeia. Os donos dos cafés não percebiam o que tinha acontecido, não sabiam o que responder ao Engenheiro e aos seus homens que reclamavam os seus cafés matinais.

As pessoas da aldeia observavam, nervosas, os percalços que impediam a obra. Para a aldeia, a estrada seria uma coisa boa, que traria progresso e emprego. Mas com tantos acidentes enigmáticos, **parecia coisa de bruxedo, maldição, ou sabotagem** do partido rival do da Junta de Freguesia.

Mas quando, **no quinto dia**, o alarme do carro do Engenheiro disparou sem razão aparente, pela décima terceira vez, alguém desconfiou do grupo de rapazes que espreitava o carro atrás da camionete da carreira, em atitude suspeita.



Após uma curta investigação, a Professora confirmou que, nessa semana, as crianças andavam excitadas com alguma coisa que ela não sabia, e que Jorgito e Madalena (até essa altura uma menina discreta e isolada) atuavam como os chefes de turma e **organizavam reuniões no canto do recreio**.

Por outro lado, dizia a Professora, nunca tinha visto os seus alunos tão interessados na biologia, na ecologia dos lagos, lagoas e charcos; queriam conhecer a reprodução dos **sapos**, saber o que comiam os **morcegos**, e, mais ainda, faziam perguntas sobre uns animais sobre os quais ela nunca tinha ouvido falar, os **Triops**. Ela até tinha convidado uma Bióloga especialista em ecologia dos charcos temporários para vir fazer uma palestra no sábado de tarde.

Assim, quando os pais perceberam que eram os seus filhos os responsáveis pelos **percalços e acidentes** que tinham impedido a obra, não houve muito tempo para **zangas e castigos**, e todos se reuniram no largo da aldeia para assistirem à palestra da jovem Bióloga.

Claro que as opiniões eram **diversas e contraditórias**, em relação à construção da estrada. E muitas dessas opiniões tinham por trás emoções fortes, uma vez que algumas pessoas lucrariam muito com a estrada (por exemplo, os comerciantes) e outras perderiam, como os donos dos terrenos que iriam ficar cortados pela estrada, ou os pastores que temiam pelos seus rebanhos.



Como resultado da palestra, no domingo, surgiram várias correntes de opinião, que levaram o Presidente da Junta a prometer que falaria com a Câmara, e com o Engenheiro no sentido de se estudar uma alternativa para o percurso da estrada.

Mas Jorgito estava a ficar desesperado, o seu amigo Triops Vicente tinha-lhe explicado que dentro em breve, em poucas horas, **a sua geração desapareceria**, ficando só os cistos. Com efeito, as fêmeas já tinham feito várias posturas de cistos, mas com o aproximar do Verão, o charco secaria. E se a estrada não fosse desviada a tempo, os cistos ficariam **para sempre enterrados debaixo do alcatrão**.

E apesar das conversações já iniciadas para mudar a estrada, nada era certo. Deste modo, era necessário um plano alternativo, um Plano B, para salvar os Triops. Assim, na segunda-feira de manhã, quando verificaram que as máquinas das obras tinham re-comçado a trabalhar, Jorgito e Madalena resolveram que não havia tempo a perder. Iriam transportar todos os Triops do charco deles para o charco junto ao marco geodésico.

— Saímos da escola à hora de almoço, eu levo o meu camaroeiro, — Jorgito assumia o comando da operação. — Já falei com os Triops, eles vão estar todos juntos à nossa espera, para os podermos apanhar e levar para o novo charco onde vão poder pôr os seus cistos.

— Combinado — concordou Madalena. — Então, eu levo o meu balde da praia para transportar o **sapo de unha negra**.



À hora de almoço, quando saíram da escola, havia uma luz estranha, amarela, o céu estava cinzento-escuro. As aves voando rasteiras, piavam e chilreavam com grande alarido.

Tinham de ir a correr. Quando já ia a meio da rua, Jorgito reparou que corria sozinho. Madalena tinha ficado no cimo da rua, **petrificada**. Percebeu logo o que se passava. Várias mulheres varriam o chão, à porta das suas casas, e uma delas, nitidamente, avançava com a vassoura na direção de Madalena.

E agora, o que fazer? Se fosse ajudar Madalena, não chegaria a tempo para salvar os seus amigos Triops. Mas se a deixasse ali, ela morreria de medo ao pensar que seria vítima do **feitiço da bruxa da vassoura**.

Subiu a rua a correr, agarrou a mão de Madalena, e tentou convencê-la a correr também. Mas ela não se mexia, estava com tanto, tanto medo, que não conseguia sequer avançar um passo. Pelo contrário, a mulher da vassoura, que de facto era parecida com as bruxas dos livros, tinha uma verruga no nariz, olhos pequeninos e maus, sorriso perverso, cheiro a pão bolorento, avançava com a vassoura em direção aos pés da menina.

Então Jorgito disse a Madalena para subir para as suas cavalitas, perguntando-lhe:

- O **feitiço** só dá se a bruxa conseguir **varrer os dois pés ao mesmo tempo**, certo?
- Sim, — confirmou ela, a voz num sussurro, sem força para nada.
- Então agarra-te a mim, segura tu o camaroeiro, **e não tenhas medo**.



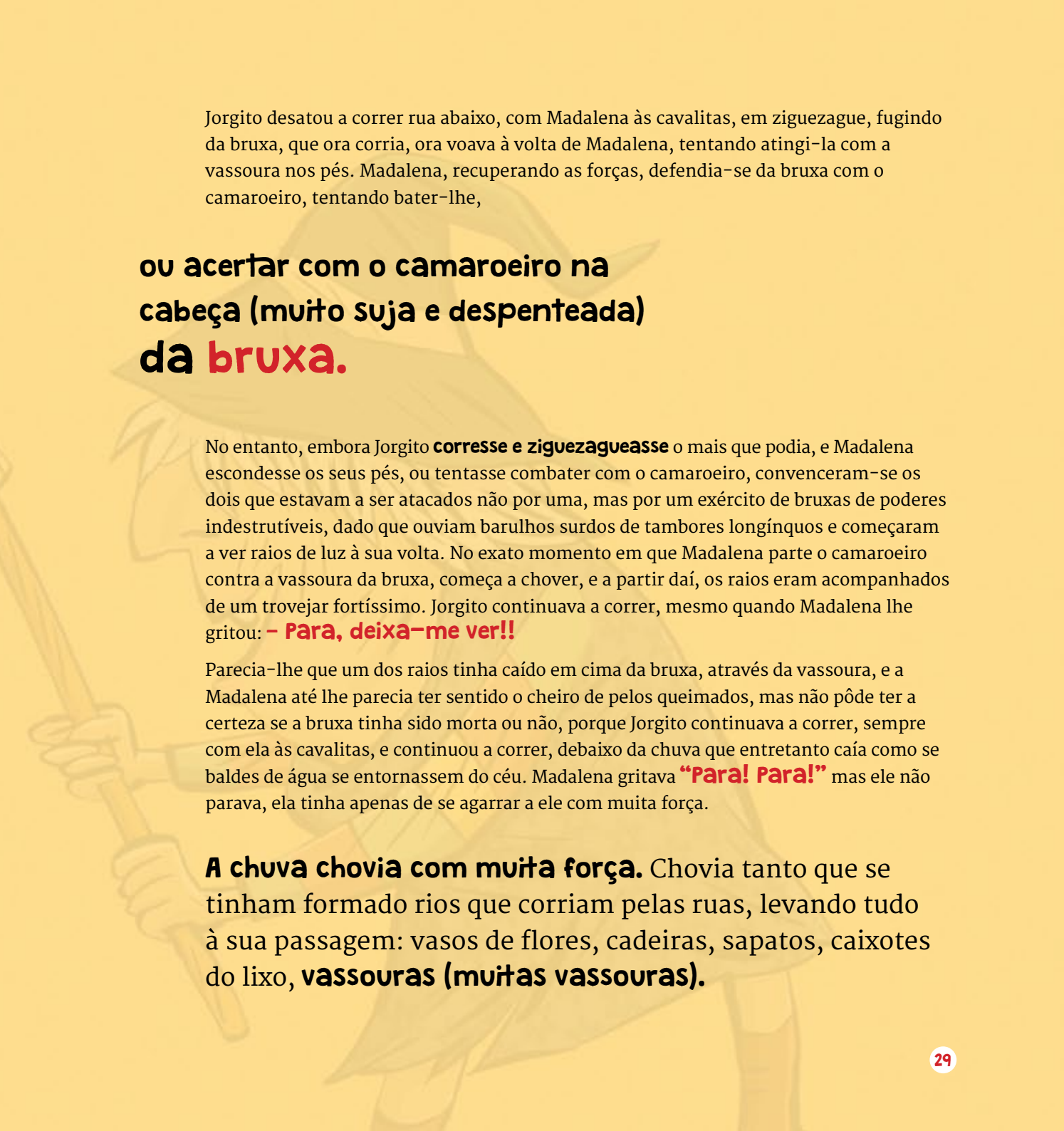
Jorgito desatou a correr rua abaixo, com Madalena às cavalitas, em ziguezague, fugindo da bruxa, que ora corria, ora voava à volta de Madalena, tentando atingi-la com a vassoura nos pés. Madalena, recuperando as forças, defendia-se da bruxa com o camaroeiro, tentando bater-lhe,

ou acertar com o camaroeiro na
cabeça (muito suja e despenteada)
da **bruxa**.

No entanto, embora Jorgito **corresse e ziguezagueasse** o mais que podia, e Madalena escondesse os seus pés, ou tentasse combater com o camaroeiro, convenceram-se os dois que estavam a ser atacados não por uma, mas por um exército de bruxas de poderes indestrutíveis, dado que ouviam barulhos surdos de tambores longínquos e começaram a ver raios de luz à sua volta. No exato momento em que Madalena parte o camaroeiro contra a vassoura da bruxa, começa a chover, e a partir daí, os raios eram acompanhados de um trovejar fortíssimo. Jorgito continuava a correr, mesmo quando Madalena lhe gritou: - **Para, deixa-me ver!!**

Parecia-lhe que um dos raios tinha caído em cima da bruxa, através da vassoura, e a Madalena até lhe parecia ter sentido o cheiro de pelos queimados, mas não pôde ter a certeza se a bruxa tinha sido morta ou não, porque Jorgito continuava a correr, sempre com ela às cavalitas, e continuou a correr, debaixo da chuva que entretanto caía como se baldes de água se entornassem do céu. Madalena gritava **“Para! Para!”** mas ele não parava, ela tinha apenas de se agarrar a ele com muita força.

A chuva chovia com muita força. Chovia tanto que se tinham formado rios que corriam pelas ruas, levando tudo à sua passagem: vasos de flores, cadeiras, sapatos, caixotes do lixo, **vassouras (muitas vassouras).**



Apesar da chuva **torrencial**, Jorgito continuava a correr, com Madalena às cavalitas, e só parou quando chegou à beira do charco, aterrando de bruços na água enlameada. Madalena ficou aflita, porque Jorgito parecia inanimado, a cabeça mergulhada dentro de água. Desatou a gritar por socorro, no meio do barulho molhado da chuva. **Mas os Triops não apareceram**, tinham posto os seus cistos, e agora só apareceriam na próxima geração.

Apareceram os homens das obras da estrada, que pegaram neles ao colo e os levaram para um local seguro.

A chuva tinha transformado os caminhos em ribeiros, as máquinas das obras estavam irremediavelmente atoladas na lama. A obra da estrada ficou parada durante duas semanas, e durante esse período, houve reuniões entre o Presidente da Junta de Freguesia, o Presidente da Câmara, o Engenheiro, a jovem Bióloga.

E no fim concordaram em desviar a estrada de modo a não cobrir o charco dos **Triops**.



No Verão, Jorgito e Madalena encontravam-se muitas vezes no local do charco, agora sem água. Todas as plantas estavam secas, mas no centro, reconheceram o cardo das lagoas, que agora parecia um cardo a sério, com flores arroxeadas e picos. A Professora tinha-lhes explicado que os cardos tinham picos para não serem comidos pelos animais.

— Mas porque será que aqui havia um charco, ainda por cima num planalto? — questionou Madalena.

— Eu estive a estudar na internet, e vem lá explicado que os charcos se formam em zonas onde existe uma camada de terra impermeável, a alguns metros de profundidade, que funciona como uma espécie de “armadilha” que não deixa a água passar para baixo. Assim, quando chove muito essa água sobe e forma-se o charco. No Verão, apesar de já não haver charco, pode-se reconhecer o local onde estava o charco pela mancha das plantas. — Explicou Jorgito.

— É parecido com o que se passa com as pessoas, o que pensam está escondido, mas muitas vezes consegue-se perceber o que pensam através do modo como dizem as coisas, mesmo quando não querem que se saiba o que pensam. — Comentou Madalena, com um ar ligeiramente misterioso.

Jorgito sorriu. E como não sabia o que lhe responder, desviou a conversa:

— Mal posso esperar pelas primeiras chuvas de Outono, para ver que novas gerações de Triops nos aparecem. Aposto que teremos vários filhos, netos bisnetos do Triops Vicente.

**Mal posso esperar pelos nossos
próximos amigos Triops!**

E desta vez somos nós que lhes teremos
muitas histórias para lhes contar!



Os Triops são pequenos seres vivos que só existem nos charcos temporários. A espécie *Triops vicentinus* só existe em alguns charcos da região do Algarve, nomeadamente na Costa Vicentina. Estes crustáceos de água doce têm 3 olhos, uma carapaça que pode atingir os 7 cm e até 50 pares de patas. Fazem parte de uma família de animais que se tem mantido quase sem alterações desde o tempo dos dinossauros (desde há 200 milhões de anos atrás) e por isso são conhecidos como fósseis vivos.

Personagens

Jorgito: o menino — Madalena: a menina — Triops Vicente: o Triops — Sapo Unha Negra
Bióloga — Professora — Presidente da Junta — Engenheiro — Bruxa

BENEFICIÁRIO COORDENADOR



BENEFICIÁRIOS ASSOCIADOS



FINANCIAMENTO COMUNITÁRIO



LIFE12 NAT/PT/000997 - Contribuição financeira do Programa LIFE da União Europeia a 75%